

## **Apresentação do programa e seus eixos temáticos.**

Trata-se de apresentar com muita curteza tudo o programa, os tópicos que orientam o planejamento. Indicam-se e limitam-se os conteúdos de cada tema, fai-se uma espécie de mapa ou roteiro e assinala-se o porquê de escolher alguns itens e nom outros.

**De Karl Marx** deseja-se destacar suas análises sobre as classes sociais para ajudar a as entender nos tempos de precariedade atual e tornar explícito o que geralmente é chamado de “flexibilizaçom”. E assim mesmo o <<fetichismo da mercadoria>> que descobre como as pessoas se demudam em cousas, produtos (reificaçom) e tudo num mercado global em que a verdadeira pandemia é a desigualdade.

**De Friedrich Nietzsche** a crítica de tuda a cultura ocidental: das filosofias idealistas, da religiom cristã, da moral de escravos e da ciência mecanicista e positivista. Ésta última crítica introduz-nos ao problema da subjetividade e pom em causa o objetivismo e as certezas absolutas, mas sempre no caminho da ciência e contra os seus substitutos. O abandono do absolutismo científico nom deve, de forma alguma, levar à substituiçom das ciências polas pseudociências.

**De Sigmund Freud** enfatizar a máscara de uma razom e uma consciência que esqueceu o <<id>> e o <<super-ego>>. E acima de tudo cuidar de um pequeno livro **A civilizaçom e os seus descontentamentos** onde som objeto da análise instituiçoms como a família, as leis, a denominada civilizaçom, a tecnologia, a arte, a religiom... E un pouco entender o motivo de tantas frustraçoms e experiências trágicas.

**El realismo poscontinental** é o título de um livro de Ernesto Castro, o que tem como subtítulo: Ontología y Epistemología para el siglo XXI. Refere-se a um conjunto de pensadores que superaram a velha divisom da filosofia contemporânea em <<analíticos>> (ocupados em questons científicas e epistemológicas) e <<continentais>> (nos que predominam problemas artísticos e ontológicos). Acha que isse filósofos som chamados a serem os mais relevantes no filosofar planetário das próximas décadas e também que som desconhecidos da maioria do público espanhol e, o mais sério, da maioria dos filósofos espanhóis.

**O materialismo filosófico de Gustavo Bueno Martínez** defende que a filosofia nom é uma ciência, de outra forma um saber de segundo grau e isso presupom saberes de primeiro grau (técnicos, políticos, matemáticos, biológicos...). Tampouco é a nai das ciências. Seu sistema com um bom elenco de seguidores apresenta-se como um materialismo cosmológico, que critica a visom do mundo como efeito contingente de um Deus criador, providente e governador do mundo. Achega-se assim mesmo ao materialismo histórico e critica tudo idealismo histórico e uma compreensom da história em funçom de consciências autónomas. Do mesmo jeito um materialismo religioso confrontado com um espiritualismo que concebe deuses, espíritos, almas ou númenes como incorpóreos e que se guiaria polo seguinte princípio: o homem nom fez

os deuses à imagem e semelhança dos homens, mas à imagem e semelhança dos animais.

**E seguem dous tópicos adicados a pensar a psicologia** ou mais bem a bio-psico-sociologia. O primeiro denuncia o cerebrocentrismo que opera desde um reducionismo fisicalista e leva a atribuir nossa consciência às células nervosas e moléculas associadas. Alegrias, tristezas, fobias, expectativas, recordos... dependeriam do nosso cérebro. Tende-se a esquecer que o cérebro está relacionado com tudo o corpo e que este corpo está ligado ao mundo. Em conexão com o materialismo filosófico haveria que combinar os três gêneros de materialidade (para escapar do reducionismo): física, psicológica e cultural. E no que diz respeito da bio-psico-sociologia (traz à mente o filósofo Mario Bunge) pretende-se chamar a atenção para a interdisciplinaridade, em um pensamento complexo, isto é, a psicologia não pode ser desanexada da biologia, da sociologia e doutros saberes.

**E três temas a respeito da biopolítica.** Em **Michel Foucault** será feita uma tentativa de analisar se o curso do ano 1979, **Nascimento da biopolítica**, tem validade para abordar o neoliberalismo hegemónico e suas crises. Os efeitos desastrosos da governamentalidade no presente serão debatidos. Da mesma forma será estudado como é que entende a biopolítica **Giorgio Agamben** e esclarecerá-se um pequeno livro titulado *¿En qué punto estamos? La epidemia como política*. Do mesmo som essas palavras: *“O estado de excepção, que foi prorrogado até 31 de janeiro de 2021, será lembrado como a mais longa suspensão da legalidade da história do país, implementada sem que os cidadãos e, sobretudo, sem que as instituições parlamentares tiveram nada que objetar (...). Se o dispositivo jurídico-político de a Grande Transformação é o estado de excepção, e seu dispositivo religioso a ciência, ao nível das relações sociais confiou a sua eficácia à tecnologia digital (...). A nova forma de relação social é a conexão, e quem não está conectado tende a ser excluído de todos os laços e condenado à marginalidade.”* E será igualmente examinada a teoria crítica, as filosofias da diferença e a biopolítica em **Roberto Esposito** a partir de seu livro **De fora. Uma filosofia para a Europa** em que se verifica uma desoladora crise económica, uma ondata de imigração e o terrorismo islâmico. O que é que a filosofia pode trazer para esse espaço chamado Europa?

**E dois tópicos a respeito da Teoria Crítica.** A democracia deliberativa e a ilustração cosmopolita em **Jürgen Habermas** vai-se ocupar da Teoria da Acção Comunicativa para fundamentar uma racionalidade além do subjetivismo e do individualismo com capacidade para combinar a teoria de sistemas com o mundo da vida. A mais disso da Ética Discursiva como base duma sociedade democrática. E igualmente da Teoria Discursiva do Direito, da desobediência civil, duma política pós-nacional e do papel da Religião na esfera pública. O diálogo sobre o capitalismo entre **Nancy Fraser e Rahel Jaeggi** tem entre seus propósitos conceituar o capitalismo, historicizá-lo, o criticar e o

combater, ao tempo que constatamos dois tipos de lutas onipresentes: de classes e de fronteiras.

**Tres autores críticos com o capitalismo atual.** Filosofaremos com **Wendy Brown** em volta das ruínas do neoliberalismo. Esquadrinha a ascensão da política não democrática em Ocidente, o autoritarismo, diversos fascismos, os populismos de direita, as plutocracias, como entender a liberdade desde a esquerda, et cetera. A análise da violência em **Judith Butler** busca conectar a luta pela igualdade com a ética da não-violência. Não se refere à passividade, nem ao individualismo, mas a uma força coletiva que se traduz em formas combinadas de resistência. **Enrique Dussel** propõe uma cultura mundial pluriversal, advoga por descolonizar a cultura, a epistemologia e a tecnologia, formula uma crítica da teologia como momento da crítica do liberalismo e da economia capitalista, exprime uma ética da liberdade crítica com a estética eurocêntrica. Na sua filosofia da liberdade defende um Marx fora da primeira e da segunda internacionais...

**Tres temas para pensar a filosofia e a política, e os populismos.** Alexis Cukier e Isabelle Garo apresentam em detalhes a trajetória de **Alain Badiou, Étienne Balibar, Jacques Bidet, Michäel Löwy e Lucien Sève** para em capítulos posteriores entrevistar cada um sobre as seguintes questões: quando eles encontraram com o pensamento de Marx e como começaram a usá-lo?; em que contexto político, para responder a quais urgências e dificuldades?; qual tem sido a evolução da sua concepção do comunismo e o que deveria ser uma organização e ação política comunista hoje?; que consideram essencial no pensamento de Marx para pensar o período político atual? E refletir a respeito dos populismos do século XX e dos atuais o faremos em boa medida da mão de **Pierre Rosanvallon** e vamos nos perguntar pela anatomia, a história e a centralidade dos mesmos ao mesmo tempo que se fará uma crítica profunda e fundamentada e se formulará uma alternativa mobilizadora. De que é um sintoma a sua força? E as palavras herdadas à esquerda que parecem soar no vácuo? E **Philippe Corcuff**, com inspiração em Karl Marx, na sociologia crítica de Pierre Bourdieu, nas filosofias de Michel Foucault e Emmanuel Lévinas, entre outros, vai combinar a individualidade com o comum. Analisa o conflito Capital/Indivíduo e a dialética entre as limitações estruturais e as possibilidades de subjetivação. Critica falsas soluções que estão em voga, os usos incorretos do conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, o populismo de esquerda de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e propõe uma leitura anarquista de <<jogo dos tronos>> em oposição à leitura conformista de Pablo Iglesias.

**E um novo assunto, o ecosocialismo, a desenvolver em dois temas.** Da mão de **Michäel Löwy, Daniel Tanuro, Alexis Cukier...** quatro opções serão estudadas: o capitalismo tecnocrático, que considera que a transformação do sistema produtivo deve corresponder aos especialistas da burocracia estatal e que na sua implantação desempenharão um papel de liderança os empresários; o capitalismo ecofascista, que

defende governos autoritários, os únicos capazes de fazer as massas aceitarem os sacrifícios necessários (também pode ser chamado de militarismo de Meio Ambiente); um estado social e ecológico democratizado, ao serviço de uma política de transição a levar a efeito pela sociedade civil; uma democracia económica com participação direta de todos – a ser realizado principalmente pelos trabalhadores – em processos de deliberação e validação (novas instituições económicas e políticas devem ser criadas). E outrossim se lerá a **Bruno Latour** da mão de Daniel Tanuro, que pensa que o antropólogo se equivoca na análise etiológica das catastrofes ambientais e que as suas propostas pouco difiram do capitalismo verde. Surpreende-se Daniel Tanuro de que a mensagem de Latour seja percebida como radical por muitos ativistas e investigadores de esquerda ao tempo que convida aos ecomarxistas/ecosocialistas a articular o materialismo histórico com o materialismo naturalista, tarefa à que leva muito tempo adicado **Patrick Tort**.

**Os três tópicos a seguir cuidam-se de o poder e a pós-humanidade, a comercialização do desamor e a pós-democracia paliativa.** Pergunta-se no primeiro deles **Slavoj Žižek** se precisamos de filósofos, como Sócrates, que <<corrompam>> os jovens e os façam questionar o estabelecido ou filósofos <<normalizadores>>, como Aristóteles, que reconciliem o pensamento com o instituído. Pensa que o papel da filosofia tem de ser o combate contra o niilismo que se mascara de novas liberdades (esta civilização sem mundo) e que atinge de modo especial à gente moça. Diante dos populismos e dos fundamentalismos religiosos propõem construir áreas emancipatórias, romper com o patriarcalismo, reivindicar o materialismo e inventar uma sociedade com o fim de corrigir os erros do capitalismo e do comunismo. A falsa liberdade capitalista, amarrada à submissão absoluta, tem de nos fazer reagir nesta era pós-humana para recuperar nossa individualidade por meio duma emancipação social e igualitária. **Eva Illuz** aplica-se no segundo a tornar inteligível o fim do amor no capitalismo tardio, a explicar uma sociologia das relações negativas. A cultura ocidental tem insistido nos modos de irrupção do amor “milagrosamente” em nossas vidas: esperar por mailas, chamadas, et cetera. Tudo um mundo de emoções ao cavar naquela outra pessoa. Mas o mesmo nome acontece com o desamor que agoniza ou nem sequer começa para o qual esta cultura é quase silenciosa. Por falta de compromisso, por separação, por divórcio..., basicamente faces de um capitalismo tardio que descarta os laços sociais e avança rapidamente para a próxima transação. Desmiúça como o Capital se apodera das relações íntimas. **Byung-Chul Han** sinala como hoje impera por ondequer um medo generalizado ao sofrimento. Está-se a assentar uma pós-democracia paliativa. Proliferam analgésicos que escondem disfunções do sistema. Drogas usadas na medicina paliativa espalham-se entre pessoas sanas. O imperativo <<ser feliz>>, que esconde um requisito de desempenho, foge de qualquer estado doloroso e procura anestesia permanente. Ao expulsar conflitos e controvérsias da vida pública, estabelece-se uma sociedade dopada e que tem como objetivo a produtividade e o lucro.

**A igualdade real, o comum e a ética som os tres últimos temas.** Para issa igualdade real por oposiçom à igualdade de oportunidades dialogará-se com o conceito de “egaliberté” de **Étienne Balibar** diante da evidência de que onde as desigualdades crescem, as liberdades som pisoteadas. Onde as liberdades individuais e coletivas som destruídas, as desigualdades de poder, status e riqueza tornam-se gigantescas. Com **Jacques Rancière** pensaremos se a política é uma prática de igualdade com cenas e momentos de emancipaçom, isto é, de interromper a naturalidade de um consenso hierárquico. A hierarquia seria contingente e a democracia seria, portanto, anarquia. Em debate com **César Rendueles** consideraremos a desigualdade como dominaçom das elites, a crítica do sistema meritocrático, a normalizaçom da desigualdade, o individualismo e a desigualdade generalizada, o modo de garantir a igualdade material, a igualdade de género, a comunidade, a burocracia, a violência e a igualdade, a cultura da igualdade, o compartilhar e igualar, et cetera. Assim mesmo esquadrihá-se o último livro de **Thomas Piketty**, **Una breve historia de la igualdad**, onde ele nos relata o processo, que vem de longe, da caminhada progressiva em direcçom a isso. E também se refere a medidas institucionais e sistemas legais, sociais, fiscalizadores, educativos... para levar a efeito tal igualdade. **Pierre Dardot e Christian Laval** para esclarecer o comum afirmam que o público-estatal baseia-se em duas demandas contraditórias: garantir a universalidade dos serviços públicos e por outro lado a gestom deles, que reduz os usuários a consumidores. O comum poderia se definir como o público nom estatal com participaçom direta dos usuários. Os comuns nom som produzidos, aliás instituídos, um vínculo vivo é criado entre uma cousa, um objeto ou um lugar e a atividade do grupo que cuida dele. Apenas o coletivo pode ser constituído como impróprio. Nom há, como pretendem Negri e Hart uma produçom espontânea do comum, esquecem-se dos mecanismos de subordinaçom do trabalho ao capital que operam hoje em dia. O comum é co-atividade e nom co-pertença, co-propiedade ou co-possesom. **Gustavo Bueno, Alain Badiou e Markus Gabriel** porám-se de frente diante da Ética. O primeiro entende issa como conservaçom da esfera corporal e solidariedade com outras esferas. O segundo como referida a situaçoms, longe de categorias abstratas como Homem, Direito, Outro. E para Markus Gabriel a conduta ética implicaria a denúncia de ameaça da democracia pola extrema direita e lutar e combater a xenofobia e o populismo, mas também examinar o consumismo, a pandemia, a mudança climática..., ao tempo que se propom a recuperaçom dos valores universais da ilustraçom.